



**A MATERIALIZAÇÃO DA INTOLERÂNCIA LINGUÍSTICA NO FACEBOOK POR
MEIO DA SÉRIE DE VÍDEOS *NÃO SEJA BURRO!***

Caio Aguiar Vieira¹
Lucas Maciel de Albuquerque²
Valéria Viana Sousa³

INTRODUÇÃO

O fenômeno da variação é algo inerente às línguas naturais. Os estudos sociolinguísticos mostram que as sociedades complexas convivem com vários modos de falar, pensar e agir. Scherre (2005), a esse respeito, ressalta a importância do convívio social e das interações para os fenômenos da variação e da mudança.

Dessa forma, como afirma Antunes (2009), quando se trata dos usos da língua, não podemos, somente, atentar-se a questões linguísticas, mas, também, a questões sociais, haja vista que a língua é utilizada pelos falantes de grupos sociais distintos.

O *Facebook* tem mostrado nos últimos anos uma forte influência na vida das pessoas, pois, nessa rede social, é possível expressar de forma pública desejos e opiniões. Atualmente, o *Facebook* tem sido espaço para a disseminação de preconceitos⁴. Verificamos, dessa forma, a série de vídeos *Não seja burro!* da *vlogger*⁵ Marcela Tavares que, por meio do “humor”, tenta ensinar gramática normativa em vídeos publicados no Facebook, apontando os erros dos falantes com o objetivo de corrigi-los.

1 Graduação em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Membro do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em Sociofuncionalismo – CNPq. Brasil. Endereço eletrônico: caioaguiar78@gmail.com

2 Graduação em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Brasil. Endereço eletrônico: lucasmacielalb@gmail.com.

3 Orientadora da Pesquisa. Doutora em Letras (Linguística e Língua Portuguesa) pela UFPB. Professora Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em Sociofuncionalismo – CNPq. Brasil. Endereço eletrônico: valerianaviana@sousa@gmail.com.

4 Maria Júlia Coutinho, jornalista da rede Globo, foi vítima, em 2015, de comentários racistas no *Facebook*. A matéria pode ser conferida em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2015/07/maria-julia-coutinho-maju-e-vitima-de-racismo-no-facebook.html>

5 *Vlog* é um a junção de vídeo + blog. A grande diferença entre um *vlog* e um blog está no formato da publicação. Ao invés de publicar textos e imagens, o *vlogger* (pessoa que produz os vídeos) faz um vídeo sobre o assunto que deseja.



Portanto, temos o objetivo de verificar, partindo dos estudos de Leite (2008), como é constituído o preconceito e a intolerância linguística na fala da humorista. Partimos da hipótese que, ao corrigir os “erros” gramaticais, Marcela Tavares acaba materializando discursivamente piadas de cunho preconceituoso no que diz respeito ao uso da língua por determinados grupos sociais.

METODOLOGIA

Marcela Tavares publica vídeos e fotos diariamente em sua página de cunho humorístico. Dentre o conteúdo veiculado pela humorista, está uma série de vídeos intitulada *Não Seja Burro!*. Nela, a *vlogger* satiriza, de forma exagerada, determinados usos da língua com o suposto objetivo de educar e ensinar a *norma padrão* aos usuários do *Facebook*.

O *Facebook* é uma das maiores redes sociais do mundo, contando com mais de 1,8 bilhão de usuários, sendo que 99 milhões desses são brasileiros⁶. Um dos grandes atrativos do *Facebook* é a capacidade de compartilhar imagens e vídeos que podem alcançar um grande número de pessoas. Por conta da liberdade de que os usuários dessa rede usufruem, torna-se mais fácil a disseminação de opiniões acerca dos mais diversos assuntos. A variedade de opiniões e posicionamentos políticos que a rede social abriga garante a oferta de conteúdo para os mais diversos tipos de público. Entretanto, como os vídeos são disponibilizados a todo o público dessa rede social, algumas dessas produções podem perder seu caráter humorístico e de entretenimento e assumir uma qualidade reveladora de preconceitos.

Verificaremos em *Não Seja Burro!* se a humorista, ao tentar ensinar seu público sobre conceitos prescritivos da gramática, não comete o preconceito e/ou a intolerância linguística.⁷ Defendemos, assim como Possenti (2012, p. 18), que “é uma violência, ou injustiça, impor a um grupo social os valores de outro grupo”. Nessa perspectiva, com o objetivo de analisar o vídeo selecionado, atentaremos para o entendimento de Marcela

6 Disponível em: <http://link.estadao.com.br/noticias/empresas,facebook-esta-perto-de-alcancar-2-bilhoes-de-usuarios-no-mundo,70001649767>. Acesso em 05 de abril de 2017.

7 Assumimos, neste trabalho, a perspectiva de preconceito a partir de Leite (2008). Segundo ela, o preconceito é caracterizado enquanto ideia, opinião, não necessariamente pública acerca de determinado assunto. Já a intolerância, por outro lado, seria o preconceito manifestado discursivamente. Aqui, faz-se necessário ressaltar que, ainda segundo a autora, a intolerância obrigatoriamente implica um comportamento agressivo, enquanto o preconceito pode ser descrito como uma “discordância tácita” (LEITE, 2008, p. 20).



Tavares sobre o perfil das pessoas cujo uso da língua carece de correções.

Entretanto, para os fins deste trabalho, direcionaremos nossa atenção a apenas um dos vídeos da série *Não Seja Burro!* Como recurso metodológico, transcrevemos o vídeo intitulado *Compartilhe e ajude aquele seu amiguinho que escreve e fala errado*, selecionamos fragmentos com a finalidade de identificar os itens linguísticos que a *vlogger* considera inadequados, e analisamos como o preconceito linguístico e a intolerância se manifestam quando ela associa certos modos de falar a determinados grupos sociais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No vídeo selecionado, percebemos certos traços que nos remeteram à noção de preconceito linguístico. O primeiro deles está localizado no próprio título no qual a humorista assume a possibilidade de que haja alguém que fale o seu próprio idioma de forma errada. Ao se oferecer para “ajudar” alguém que fale errado, a *vloggervai* de encontro ao que diz Scherre (2005, p. 42), quando a linguista afirma que “[...] não se ensina língua portuguesa, porque não se pode ensinar o que já se sabe”, ou seja, não há falante que não sabe o seu próprio idioma, mas, sim, pessoas que não falam de acordo com a *norma padrão* imposta pela gramática normativa.

De forma geral, notamos que Marcela Tavares remete-se à gramática normativa para fundamentar seu ponto de vista do que é certo ou errado. A humorista utiliza, em vários momentos, o modo imperativo (de modo agressivo) e exemplos descontextualizados para mostrar que o falante, quando utiliza termos que não estão pautados nesse compêndio gramatical, é incompetente no seu domínio da língua.

Verificaremos, agora, como a humorista materializa discursos preconceituosos, por não ter conhecimento dos fenômenos linguísticos que, normalmente, acontecem na modalidade oral.

(1) [...] Não existe a palavra ‘resistro’. Não sei por que inventam palavras, falam mais difícil. Para de falar ‘resistro’. É registro. Re-gis-tro!

No exemplo 1, o falante, na verdade, não inventa uma nova palavra, mas, sim, assimila características do som do /s/ devido à sua proximidade com a consoante /g/ na mesma sílaba. Além disso, a *vlogger* releva sua postura prescritiva ao usar a forma imperativa do verbo *parar* ao tentar corrigir o falante. Essa postura é reiterada em outros



momentos do vídeo.

(2) [...] Não se diz amostrar, imbecil, se diz mostrar.

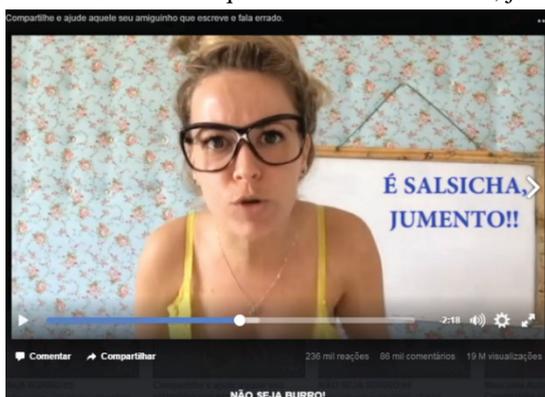
(3) Quando você vai, você vai 'a algum lugar, porém, entretanto, todavia, pequeno jumento, você não vai 'na praia', você não vai 'no cinema' você não vai 'no cabeleleiro'. Você vai 'à praia', 'ao cinema', 'ao cabelereiro'. Tá entendendo?!

(4) [...] Para de escrever essa merda [...] tô com ódio de você que faz isso.

Em 2 e 3, Marcela Tavares utiliza dos vocativos “imbecil” e “pequeno jumento” para descrever as pessoas que incorrem nos “erros”: a) pronúncia de *amostrar* e b) intercalando o uso da preposição e o artigo definido. Ao se referir aos falantes da língua de forma agressiva, a humorista menospreza a capacidade intelectual e cognitiva dos usuários a respeito de questões relacionadas ao uso da sua língua materna. Portanto, desqualificar as pessoas que falam do jeito “errado” é um ato intolerante, em que não se admitem opiniões divergentes da dela quanto ao uso da língua (LEITE, 2005). Tal intolerância está manifestada em 4, no qual a *vlogger* afirma ter aversão ao falante que escreve de determinada maneira e, além disso, foge da prescrição gramatical ao usar o verbo parar na forma imperativa como “para” ao invés de “pare”, mostrando, dessa forma, que ela segue uma outra norma quando se trata da modalidade oral que não é prescrita na tradição gramatical.

Percebemos, também, que, ao tecer essas críticas, a humorista não visa atingir somente o uso da língua pelos falantes. Além do preconceito e da intolerância linguística, percebemos que esse preconceito é social, haja vista que, mais do que criticar uma pessoa que se afasta dos modelos da norma padrão, Marcela Tavares, com o propósito de causar riso, faz imitações a fim de mostrar que pessoas menos favorecidas, utilizam, também, uma fala menos prestigiada.

Figura 1: trecho do vídeo em que os dizeres “é salsicha, jumento!!” são mostrados.





(5) 'Olha aí, moço, fala uma coisa pá mim aí, esse cachorro quente é de chalsicha ou de linguíça?' Não, eu não consigo acreditar. Não posso admitir que exista alguém ainda nesse mundo que diz chalsicha. É mais difícil, imbecil, é salsicha [...]

(6) [...] 'Aí, motora, para aí que eu vou soltar'. Me fala uma coisa, qual é o teu problema? Alguém passou cola em você, te grudou lá?! Por que você fala 'soltar' do ônibus? Soltar não existe, não é assim que fala. Quando você quer descer do ônibus, você vai saltar. Você não solta do ônibus, do metrô, do inferno, você SAL-TA. Para de falar errado!

(7) Me fala uma coisa, querido, qual é o teu problema?! Por que você separa o 'em' do 'bora'?

Sabemos, como afirma Scherre (2005, p. 42), que "[...] pessoas de classe prestigiada também produzem as formas consideradas indesejáveis, só que, às vezes, em menor quantidade". Mesmo que tais formas também sejam produzidas por grupos sociais prestigiados, em 5 e 6 a humorista deliberadamente escolhe retratar um grupo que talvez tenha menor escolaridade e pertence a uma classe menos favorecida. Ela demonstra, dessa forma, uma postura intolerante em relação aos grupos com menos escolaridade – pessoas que por diversos motivos tiveram pouco ou não tiveram acesso à educação formal.

No trecho 7, por meio da pergunta "Qual é o teu problema?", Marcela Tavares revela sua posição segundo a qual erros gramaticais seriam decorrentes de um 'problema' do falante. Dessa forma, a origem do preconceito se materializa na fala da humorista "[...] na consideração dessas diferenças como patologia, erro, vício, etc." (FIORIN, 2002, p. 23).

CONCLUSÕES

Com este trabalho, verificamos a presença de materializações de preconceitos linguísticos e, além disso, sociais na fala da humorista Marcela Tavares na série de vídeos *Não seja burro!*. Tal postura, ao ser divulgada amplamente nas redes sociais, reforça ainda mais o papel da gramática prescritiva como um elemento de segregação, que separa o certo do errado em termos gramaticais, e, conseqüentemente, as pessoas que as produzem. Portanto, a falta da compreensão da variação linguística como algo inerente à língua é o que fortalece o estigma (preconceito) e a intolerância linguística.



Palavras-Chave: Preconceito Linguístico. Intolerância Linguística. Facebook.
Marcela Tavares.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino:** outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIORIN, J. L. Os Aldrovandos Cantagalos e o preconceito linguístico. In: SILVA, F. L.; MOURA, H. M. M. (Orgs). **O direito à fala:** a questão do preconceito linguístico. 2. ed. rev. Florianópolis: Insular, 2002.

LEITE, Marli Quadros. **Preconceito e intolerância na linguagem.** São Paulo: Contexto, 2008.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** Campinas: Mercado de Letras, 2012.

SCHERRE, M. M. P. **Doa-se lindos filhotes de poodle:** variação linguística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.